

“Manifesto”

Luís Moniz Pereira ¹

A Ciência traz valores importantes, formativos, de ginástica mental. E se as pessoas devem fazer exercício físico, também têm de se exercitar a pensar, a ter sentido crítico, a escolher. Talvez por isso certas ideologias, certos partidos políticos, não estão muito interessados em ciência. Não só a Ciência o faz, mas também a Filosofia. E por isso me bati, há anos atrás, pela sua permanência no Ensino Secundário. Mas certas políticas, que pensam mais na tecnocracia e na instrumentalização da rentabilidade do ser humano/robot, preferem o jovem consumidor/votante acrítico.

Contudo, a Ciência tem razões e valores que a Economia desconhece e desconhecerá... para parafrasear Pascal. Por exemplo, o maravilhamento perante o conhecimento; a sua construção e herança histórica como valor partilhado da humanidade; o preferir a verdade a ter razão; a cooperação global como valor essencial que se sobrepõe à competição; a procura do rigor intelectual, segundo o qual somos os primeiros críticos de nós próprios; a atenção dada à crítica alheia e aceitação da argumentação como modo de dirimir diferenças; a crença na existência de uma realidade externa que não pode ser convencida com propaganda ou emoções humanas...

Há uma diferença entre a esquerda e a direita na forma como se relacionam com a Ciência. Em Portugal também isso acontece, e a historiografia política demonstra-o. Embora ambas tenham em comum que promovem mais a Ciência em ocasiões de guerra. Por exemplo, o primeiro computador foi significativamente desenvolvido na segunda guerra mundial pela necessidade de cálculos para a bomba atómica, pela necessidade de tratamento logístico dos exércitos, pela necessidade de prever trajectórias de impacto das bombas, pela necessidade de descrição de mensagens. Mas a direita preocupa-se menos com a Ciência e mais com a Tecnologia como forma de negócio. Menos com o global e social, e os tais valores intrínsecos à ciência, e mais com o lucro tecnológico. E quando a direita investe em Ciência é mais como subsídio encapotado às empresas em geral, e nomeadamente, nos países desenvolvidos, àquelas associadas à defesa e à guerra.

Hoje em dia, tem havido em Portugal uma pressão grande para transformar as universidades num mero laboratório das traseiras das empresas, enquanto estas abdicam de contratar o verdadeiro produto das universidades, que são as pessoas qualificadas de alto nível e experiência científica. Pretende-se matar a galinha em vez de a deixar produzir ovos.

Nessa perspectiva, a Economia (de quem?) é a medida de todas as coisas. Simplismos para quem não quer, não é capaz, de pensar no global comum. Afinal o lucro é a única

¹ Professor Catedrático, UNL. Manifesto ao Encontro “Inovação, ciência e tecnologia: condições para o desenvolvimento científico e tecnológico do País - bloqueios, estratégias e soluções”, 18 Dezembro 2004, ISCTE, Lisboa.

medida, porque o Mercado pensa magicamente por nós. Os problemas são demasiado complicados para os tecnocratas, e portanto simplificam-nos à medida do seu utilitarismo egoísta. Com a cooperação dos Governos de direita, que também não querem pensar no bem comum, mas antes aliená-lo à privatização, excepto no que não for rentável. E a Ciência não é rentável certamente porque não é compatível em Portugal com os balanços anuais ao Mercado. Também, obter produtos estrangeiros chaves-na-mão é sempre mais cómodo para o gestor que afinal não quer arriscar na capacidade nacional. Esta, enfim, é a resposta curta.

A distinção entre Ciência e Tecnologia é essencial. A primeira define o possível, a segunda escolhe em que vamos concretizá-lo. O financiamento no entanto já influencia antecipadamente o possível, com vista a uma escolha de realização. A Tecnologia tem mais a ver com opções políticas do uso da Ciência. Mas que Ciência de apoio à Tecnologia é que devemos financiar? Uma “Inteligência Artificial” para criar tanques inteligentes que num teatro de guerra actuam concertadamente como um enxame, já sem necessidade de soldados lá dentro e que tomem as suas próprias decisões para destruir o inimigo? É bem possível, é tão possível que se faz. Mas muitas outras escolhas existem.

Podem-se valorizar as ciências humanas (pouco interessante para os tecnocratas, e vê-se, com estes, inevitavelmente a diminuição do seu financiamento), ou podem-se subsidiar encapotadamente as empresas, e poupar na administração pública, por via de pseudo bolsas, ao invés de criar verdadeiro emprego científico.

Pode-se atender cada vez mais à opinião e conhecimento científicos para informar os problemas complexos da nossa sociedade, ou pode-se antes remetê-los para o mero político desinformado. (Ou então informado por uma religião de moral universalista autocrática -- que mete o bedelho em tudo e todos -- sendo certo afinal que é a Ciência que faz os verdadeiros milagres.)

Queremos uma Ciência e uma Tecnologia para servir a humanidade como um todo, ou, ao invés, para produzir “gadgets” irrelevantes e chacinantes armas inteligentes? Para despoluir ou para poluir? Preocupada com o todo, ou ocupada pelo lucro “über alles”?

E porque não se debatem estes assuntos? Os media não os acham vendáveis, ou estão vendidos às emoções liofilizadas prontas a snifar? A quem interessa o global que não seja o da exploração selvática, ou o da manobra financeira?

Embora não haja propriamente uma ciência portuguesa, é importante defender uma ciência portuguesa. Mas a Ciência não tem nacionalidade, é como as leis da Física. Por isso, e porque beneficiamos da Ciência internacional, devemos também contribuir para ela. É uma questão de gregarismo pela espécie. Defendamos a Ciência portuguesa porque defendemos a Ciência não portuguesa! E estamos muito atrasados em fazê-lo.

A actividade excessiva como docente atrapalha frequentemente a actividade de investigador. A investigação científica exigente precisa de equipas de investigadores a

100%, pelo menos em certos períodos da sua vida, e de gestores qualificados. A boa gestão universitária no entanto não existe -- porque não tem instrumentos de gestão -- o que prejudica todo o sistema. Dinheiro não tem, lugares de quadro são poucos e esparsos, avaliação regular e consequente do mérito pessoal não existe. Entricheiramento de distorções é o que há mais...

Em qualquer caso, a docência complementa a investigação, e permite reproduzir o sistema de conhecimento, não só mas sobretudo a nível da pós-graduação. Interessa criar modalidades de dedicação completa à investigação, por certos períodos, por aqueles que já demonstraram ser mais capazes a fazê-la.

Os sindicatos são uma via para travar o combate pelo mérito. São apenas uma das frentes, mas importante. Não há muito os sindicatos do ensino superior eram avessos a um sistema de mérito. Quando começaram a pensar em termos de quadros globais perceberam que a avaliação por mérito era indispensável. Depois reconheceram que tinha também outras vantagens, nomeadamente como instrumento de gestão e de apoio dos próprios sectores departamentais à progressão por mérito dos seus membros.

Hoje em dia, um sistema de mérito é consensual entre esses sindicatos, naturalmente desde que ligado a quadros de dotação global. Tenho-me batido por isso com escritos e propostas concretas. A nova Lei n.º 10/2004 de 22 de Março, que “Cria o sistema integrado de avaliação do desempenho da Administração Pública”, veio colocar o assunto na ordem do dia. Mas já estamos a assistir ao Ensino Superior a querer fugir a ela, sob pretexto da autonomia, porque, embora passemos a vida a avaliar os outros, não queremos, a maior parte de nós, ser avaliados individualmente. E os nossos gestores institucionais não querem ter que tomar decisões fáceis mas que lhes tornam a vida pachorrenta difícil.

Em que nos ajuda a estratégia definida na Cimeira de Lisboa? Queremos de facto a sociedade do conhecimento? Ou apenas acenar com poeira mediática indefinida? Os nossos jovens vão de facto aprender os valores do conhecimento, ou continuarão alienados à engrenagem do consumo e da competição antropofágica? Como é possível uma sociedade do conhecimento em que estes temas se não debatem? O conhecimento só interessa para criar empregos mais sofisticados, ou vai justamente ao cerne dos valores que pretendemos promover, e por isso não se discute?

Portugal continua a ter uma enorme iliteracia científica, e como é que podemos sair dessa realidade? O atraso continua a aumentar, porque outros do espaço Europeu movem-se melhor e mais depressa. Aprovámos em Lisboa o aumento para 3% do PIB em 2010 do financiamento à Ciência e Tecnologia, mas depois logo vem um ministro dizer que essa meta não é para nós, nem metade, apenas para os outros.

Mas não é difícil nem secreto o que fazer: primeiro mudar de Governo, depois voltar a ter como ministro alguém como José Mariano Gago, pelo menos alguns 10 anos, que continue o que ele estava fazendo. Se os media se dedicarem ao assunto também ajudará muito, mas qual a publicidade para lhes pagar as despesas? Estaremos reféns do financiamento aos media? Ou um novo Governo fará o que tem a fazer?